

## IDENTIDADES E FATORES DE IDENTIFICAÇÃO EM PROJETOS DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL: O CASO DO PROGRAMA ESCRAVO, NEM PENSAR!

Ariadna Silva Ferreira<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho aborda as discussões de Márcio Simeone Henriques (2007) sobre os fatores de identificação em projetos de mobilização, enquanto estratégia de comunicação. A partir de uma breve explanação sobre identidades, são apontados elementos caracterizadores da mobilização social e, numa segunda parte, são analisados os fatores de identificação e classificados, a partir dos vínculos, os públicos do Programa Escravo, nem Pensar! – um híbrido de educação e comunicação, que trabalha na prevenção ao trabalho escravo contemporâneo, ministrando oficinas e formações com a temática do trabalho escravo e assuntos correlatos, para professores e líderes comunitários.

### PALAVRAS-CHAVE

Identidades. Fatores de Identificação. Mobilização Social. Trabalho Escravo Contemporâneo. Programa Escravo, nem Pensar!

### 1 INTRODUÇÃO

O trabalho escravo contemporâneo é crime previsto no Artigo 149 do Código Penal Brasileiro e consiste em reduzir alguém à condição análoga à de escravo, com jornadas exaustivas e/ou trabalho forçado e degradantes condições de trabalho. As primeiras denúncias datam da década de 70 do século XX e marcam o pioneirismo da Comissão Pastoral da Terra (CPT) no combate a esse crime. Em 1995, o Governo Brasileiro assume formalmente a existência de trabalho escravo no país e são criados o Grupo Especial de Fiscalização Móvel e o Grupo de Repressão ao Trabalho Forçado – compostos por equipes de auditores fiscais, procuradores do trabalho, policiais federais ou rodoviários federais – e que até 2014, já libertaram mais de 47 mil trabalhadores<sup>2</sup>.

A exemplo da CPT, outras organizações da sociedade civil têm construído uma história de efetiva atuação na luta contra o trabalho escravo: é o caso da ONG Repórter Brasil, uma

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências da Comunicação da Universidade de Coimbra. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). E-mail: arimate100@gmail.com.

<sup>2</sup> Dados do Ministério do Trabalho e Emprego sistematizados pela CPT (2014).

organização de comunicação e projetos sociais, formada por jornalistas, educadores e cientistas sociais, com atuação nos eixos de jornalismo social, projetos de educação e comunicação, combate à escravidão e pesquisas sobre agrocombustível. A Repórter Brasil, em parceria com a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, fundou em 2004 o Programa Escravo, nem Pensar! (ENP!), um híbrido de educação e comunicação, que realiza atividades de prevenção, ministrando oficinas e formações com a temática do trabalho escravo e assuntos correlatos, em comunidades vulneráveis ao aliciamento para a mão de obra escrava. As oficinas são oferecidas para educadores e líderes comunitários e a proposta é que estes multipliquem e propaguem o conhecimento à problemática e mobilizem mais braços na luta contra o trabalho degradante. Além das formações, o programa oferece, também, assessoria financeira e técnica para o desenvolvimento de projetos comunitários ou escolares que visem à prevenção às formas modernas de trabalho escravo e ainda realiza festivais e concursos nas esferas municipal e estadual, de maneira a divulgar o tema do trabalho escravo e a promover os projetos desenvolvidos pelas escolas ou comunidades. Em sua trajetória, o Programa especializou-se no desenvolvimento de materiais que abordam o tema do Trabalho Escravo e do Tráfico de Pessoas, publicando almanaques, livros (inclusive, interativos), cartilhas, jogos, fascículos, programas de rádio etc. Algumas dessas publicações são relatos das experiências nas comunidades e estão disponibilizadas gratuitamente, em formato digital, no sítio do Programa.

O ENP! bem compreende que a prevenção perpassa, inicialmente, pelo conhecer, pelo estar e/ou ficar ciente. Bem sabe que não há como convocar mobilizados a lutar por uma causa que desconhecem, a enfrentar um problema que nem mesmo sabem o que é. Nesse sentido, percebe-se no interior do Programa a evidência de elementos de uma comunicação que não apenas assume um caráter informativo, mas também pedagógico.

A comunicação, em cumprimento ao seu papel social, é e deve ser importante instrumento no combate ao trabalho escravo contemporâneo. Sua atuação nesse sentido pode se dar em ações macros e mais flagrantes, como as que ocorrem em instâncias midiáticas e que tornam públicas as indignas situações de trabalho escravo, e em ações mais focais (em termo de alcance), como aquelas que fazem uso da micro comunicação, de uma comunicação mais dirigida, a exemplo da interação face a face, que pode até não tornar público um assunto, mas também informa, dissemina, aproxima. Essa tem se prestado a ser

uma das principais ferramentas de comunicação do ENP!. E no breve espaço desse artigo interessa falar da comunicação em sua função de criar fatores que promovam a identificação dos sujeitos com o projeto mobilizador, com suas causas e valores. A partir das considerações de Márcio Simeone Henriques (2007) sobre os fatores de identificação em projetos de mobilização social, buscar-se-á perceber tais fatores no interior do ENP!.

## 2 QUESTÕES DE IDENTIDADE

O conceito de identidade é bastante pulverizado, apresentando diversos enfoques, tendo sido, historicamente, objeto de estudo de sociólogos, filósofos e psicólogos. Nesse sentido, não se pretende traçar aqui um percurso histórico das discussões sobre o tema, mas tão somente apresentar as ideias dos autores que aqui interessam ao recorte temático.

Stuart Hall, na obra intitulada “A identidade Cultural na Pós Modernidade” (2006), destaca três concepções de identidade: a do sujeito do iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo era uma concepção de identidade bastante, nas palavras de Hall, individualista, que concebia o homem como indivíduo centrado, unificado, “cujo centro consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo.” (HALL, 2006, p. 10 a 11).

O sujeito sociológico, diferente do iluminista, retirava a autossuficiência do indivíduo, compreendendo a existência de um núcleo interior que longe de ser autônomo formar-se-ia na relação com pessoas que lhes seriam importantes e às quais caberia a tarefa de mediar para o sujeito os costumes, os símbolos, os valores dos mundos que ele habitava. É essa uma noção de sujeito que já muito reflete a complexidade do mundo moderno. Aqui, já é possível flagrar um homem cultural, um sujeito que possui uma essência interior, mas que dialoga com o exterior, interagindo com outras identidades e culturas. É possível perceber, ainda, certa tendência à estabilidade, uma vez que, no diálogo com o exterior, o indivíduo reflete a si próprio nos mundos culturais ao mesmo tempo em que internaliza seus sentidos e valores (HALL, 2006).

É nesse ponto mesmo que reside o afastamento entre sujeito sociológico e sujeito pós-moderno: estabilidade. O sujeito da modernidade tardia, como é também chamado, não

tem uma identidade unificada, pelo contrário, possui uma identidade mais fragmentada, fraturada; o correto seria, portanto, falar de um sujeito com identidades “que não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas, e posições que podem se cruzar ou serem antagônicos.” (HALL, 2013 apud MOURA, 2015, p. 64). O caráter da mudança na modernidade tardia (resultante, sobretudo, do fenômeno da globalização<sup>3</sup>) dá origem a um sujeito com um projeto de identidade cambiante, que em contextos diferentes assume identidades diferentes.

Em similar sentido, Castells (1998) assinala que um indivíduo (ou ator coletivo) pode ter uma diversidade de identidades e que essa mesma diversidade seria fonte de constantes tensões e conflitos, tanto no que diz respeito à representação que o sujeito faz de si mesmo como nas suas ações. Para o autor, a identidade é o processo de construção do sentido<sup>4</sup> a partir de um atributo cultural ou de um conjunto de atributos culturais. Quando de suas construções, as identidades utilizam elementos da história, da biologia, da geografia, das fantasias pessoais, da memória coletiva, dos aparatos de poder, que são processados pelos atores sociais e reordenados segundo os projetos culturais de sua estrutura social. Interessa aqui destacar que, para o pesquisador espanhol, a construção das identidades dá-se em meio a contextos marcados por relações de poder, podendo ocorrer de três formas segundo suas origens: a primeira delas, a identidade legitimadora é aquela que nasce nas instituições sociais de poder, que tentam, de alguma maneira, dominar os atores sociais; a identidade de resistência é aquela gerada pelos atores sociais que assumem atitudes e posições baseadas em princípios distintos ou opostos às instituições dominantes e, por último, tem-se a identidade de projeto, aquela que nasce quando os atores sociais redefinem sua posição na sociedade na busca pela transformação social.

---

<sup>3</sup> “Como argumenta Anthony Mc Grew (1992), a ‘globalização’ se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. A globalização implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica da ‘sociedade’ como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço’ (GIDDENS, 1990, p. 64 apud HALL, 2006, p. 67 a 68). Essas novas características temporais e espaciais, que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais”. (HALL, 2006, p. 67 a 68).

<sup>4</sup> “Defino sentido como a identificação simbólica que realiza um ator social do objetivo de sua ação”. (CASTELLS, 1998, p. 29, *tradução nossa*).

“Defino sentido como la identificación simbólica que realiza un actor social del objetivo de su acción”. (CASTELLS, 1998, p. 29).

Apresentadas as concepções acima sobre identidade, é possível e provável questionar-se a respeito da capacidade desse sujeito de identidades (ora até conflitantes) – que as assume conforme as situações e contextos que lhes são apresentados – de reunir-se em torno de um projeto ou causa comum. Braga, Silva e Mafra (2007) fizeram similar questionamento e, fundamentados nas ideias de Toro e Werneck, compreenderam que

[...] a participação na mobilização social não é excludente ou discriminatória, de forma que as identidades que as pessoas assumem em suas perspectivas individuais não as impedem de participar do processo mobilizatório, estabelecendo uma identidade coletiva. Em segundo lugar, o consenso necessário para a criação de uma identidade comum não implica a inexistência do conflito. As pessoas devem ser capazes de preservar suas diferenças e conviver com elas e, mesmo não estando de acordo entre si, sempre podem entrar em acordo sobre alguma coisa. Isso porque, por mais que as identidades estejam fragmentadas, existem alguns sentimentos e valores comuns, capazes de estimular a participação. (TORO; WERNECK, 1996 apud BRAGA; SILVA; MAFRA, 2007, p. 78 a 79).

Castells (1998), em seus estudos, ainda reforça esse entendimento, quando fala da identidade de projeto. É essa identidade que se vê nascer quando pessoas incomodadas com determinada realidade assumem uma postura de contestação frente à mesma, promovendo ações de intervenção que culminem na mudança, na transformação social. O autor não diz que seja essa uma identidade de um grupo, ele fala sempre em atores sociais (portanto, em sujeitos), mas diz que esse tipo de identidade produz sujeitos que “são o ator social coletivo mediante o qual os indivíduos alcançam um sentido holístico em sua experiência”<sup>5</sup> (CASTELLS, 1998, p.32, *tradução nossa*). Diferencia-se da identidade de resistência por esta culminar na formação de comunidades, de grupos de resistência, que assumem a posição daquele que está sempre na defensiva no que diz respeito às instituições e ideologias dominantes, reforçando as diferenças e as distâncias, enquanto invertem discursos e juízos de valor, a exemplo do nacionalismo étnico ou do fundamentalismo religioso. A identidade de projeto, como o próprio nome anuncia, “é um projeto de uma vida diferente”<sup>6</sup> (CASTELLS, 1998, p. 32, *tradução nossa*); aqui, os atores sociais buscam redefinir suas posições na sociedade.

O ENP! quando assume a missão de prevenir o trabalho escravo moderno propondo e

<sup>5</sup> Son el actor social colectivo mediante el cual los individuos alcanzan un sentido holístico en su experiencia.

<sup>6</sup> [...] es un proyecto de una vida diferente.

promovendo ações de educação e eventos culturais, busca uma identidade de projeto. A ideia, a finalidade última do programa é educar para a promoção do trabalho decente, do trabalho que dignifica o homem. A estratégia não é posicionar o trabalhador escravo como vítima, como “coitado”, o distanciando cada vez mais da ideia outra de trabalho como sendo princípio promotor da autonomia e da emancipação do homem, mas, antes de tudo, a proposta é informar, pôr em xeque os elementos que compõem um quadro característico de trabalho degradante e fomentar ações de prevenção e combate a essa prática. Nos locais de grande incidência do trabalho escravo, onde a economia gira muito em torno da produção agrícola e da pecuária, esses elementos<sup>7</sup> passam despercebidos, ocorre uma espécie de naturalização, é como admitir que o “trabalho rural é duro e, por isso, é assim”. Nesse sentido, o trabalho do ENP! é também sensibilizar e trazer à luz o fundamento primeiro do trabalho, inclusive do rural: o de acessão da dignidade humana.

A sensibilização perpassa aí, não tão somente, pelo ato de informar, mas de suscitar novos olhares sobre as formas de trabalho a que estão submetidos diversos trabalhadores rurais. Apostando no dialogismo, a interação face a face aparece como importante estratégia de comunicação, reforçando uma interlocução produtiva, objetivando a valoração do conhecimento prévio, ao mesmo tempo em que se derruba algumas vendas da naturalização.

O trabalho escravo só é percebido como um problema, quando se define os seus elementos, quando é apresentado de forma contextualizada na região em que vive e após a discussão de outros fenômenos conectados a ele, como as suas causas e consequências. É diante desse panorama, que o indivíduo percebe o trabalho escravo não como algo exógeno e estranho a sua realidade, mas um elemento sintomático de uma relação de produção disfuncional, colado surpreendentemente em seu contexto, representado pela relação de trabalho a que serviram muitas vezes seus pais, seus irmãos e seu vizinho ou mesmo o seu aluno. (REPÓRTER BRASIL, Metodologia *Escravo, nem Pensar!*, p. 28).

Constituindo uma identidade de projeto firmada, ainda, nos princípios da mobilização

---

<sup>7</sup> O trabalho escravo pode lesar dois direitos essenciais ao ser humano: a dignidade e a liberdade. Para que se configure como trabalho escravo ou a dignidade é negada, por meio de degradantes condições de trabalho ou o trabalhador tem sua liberdade cerceada pela servidão por dívida ou por outros artifícios que impedem/dificultam sua saída do local de trabalho. São alguns dos elementos que caracterizam o trabalho escravo moderno: alojamento precário, falta de assistência médica, péssima alimentação, falta de saneamento básico e de higiene, maus-tratos e violência, ameaças físicas e psicológicas, jornada exaustiva, dívida ilegal, isolamento geográfico, retenção de documento, retenção de salário, encarceramento, trabalho forçado. A configuração do crime dá-se na constatação de um conjunto dessas irregularidades e não apenas por uma.

e da autonomia dos indivíduos, objetiva-se romper com antigas relações do tipo tutores/tutelados e formar agentes em direitos humanos que serão também mobilizadores na prevenção e no combate às formas contemporâneas de trabalho escravo. Ao trabalho devem ser atribuídos significados outros que não o de sujeição, de humilhação, de privação da liberdade, de anulação da dignidade.

[...] o nosso verdadeiro objetivo é que o Escravo, nem Pensar!, no futuro, não precise mais existir, porque a ideia é justamente a quebra de relações paternalistas e de tutela, já que esses indivíduos permanecem no local onde ocorreram as formações, são eles que têm o laço social estabelecido naquele contexto. (REPÓRTER BRASIL, Metodologia *Escravo, nem Pensar!*, p. 30).

Confluir sujeitos da modernidade tardia em torno de interesses comuns pressupõe, ainda, para os movimentos sociais, “a necessidade de explicitar seus propósitos sob a forma de um horizonte atrativo, um imaginário convocador que sintetize de forma atraente e válida as metas que se almeja alcançar” (BRAGA; SILVA; MAFRA, 2007, p. 81).

Para Henriques (2005), as lutas sociais incluem também uma luta por visibilidade, não tão somente porque os projetos de mobilização social necessitam de adesão ou mesmo precisam firmar e manter vínculos de confiança e corresponsabilidade e, pra isso, tenham que competir entre si, mas também, porque urge o tempo todo posicionar-se em torno da(s) causa(s) defendida(s) na constante busca pela legitimação institucional. Nesse sentido, faz-se necessário investir numa comunicação que articule/harmonize produção simbólica e valores, de maneira a gerar vínculos, a aproximar, a promover o reconhecimento do projeto por parte do público. A esses símbolos, Henriques (2001) e Braga, Silva e Mafra (2007) chamaram fatores de identificação.

### 3 FATORES DE IDENTIFICAÇÃO E O PROGRAMA ENP!

Partindo da assertiva de que o ENP! possui uma identidade de projeto<sup>8</sup>, pode-se também afirmar tratar-se de um movimento essencialmente propositivo, mas também, com flagrantes características de contestador e solidarístico.

[...] existem três tipos de movimentos sociais: os movimentos de denúncia, protesto, explicitação de conflitos e oposições organizadas – *contestadores*;

---

<sup>8</sup> O porquê dessa assertiva é explicitado no item anterior *Questões de identidade*.

os movimentos de cooperação, parcerias para a resolução de problemas e ações de solidariedade – *solidarísticos*; e os que buscam a construção de uma utopia de transformação, com a criação de projetos alternativos e de propostas de mudança – *propositivos*. (SHERER-WARREN, 1999 apud BRAGA; SILVA; MAFRA, 2007, p. 62 a 63, *grifos do autor*).

O ENP! é contestador porque denuncia e repudia qualquer forma de exploração degradante do trabalhador, que viole a liberdade e/ou anule a dignidade humana. É solidarístico em relação à nação brasileira como um todo, uma vez que, pretende prevenir, reduzir ou mesmo acabar com um problema social (a relação trabalhista – patrão e empregado – viciada) que afeta a vida de vários trabalhadores brasileiros (do campo e da cidade) e, por consequência, de suas famílias; é solidarístico, ainda, porque trabalha em parceria com órgãos de representação do Estado (secretarias de estado, prefeituras); e é propositivo porque pretende sensibilizar para o fim da naturalização do problema, reeducando o olhar para perceber o vício, de forma a engendrar atitudes, não tão somente de combate, mas de reconhecimento (no sentido de perceber como tal, de caracterizar) do trabalho degradante, que é também um crime.

A comunicação e, mais especificamente, as relações públicas compreendem a fundamental importância do mapeamento dos públicos<sup>9</sup>, quando da proposição de estratégias de comunicação que visem à formação de vínculos<sup>10</sup>. Entendendo isso, Henriques, Braga e Mafra (2007) propõem um modelo de tratamento e estudo dos públicos, próprio dos movimentos sociais. Os três pesquisadores concluíram que o modelo<sup>11</sup> amplamente aceito e há muito legitimado pela academia e pelos profissionais, não seria o mais adequado aos projetos de mobilização social. Nos movimentos sociais, o que mais interessa é o vínculo que se estabelece com os públicos (se em menor ou maior grau, se suficiente ou não para gerar ações de corresponsabilidade). Nesse sentido, propôs-se uma

---

<sup>9</sup> Nesse trabalho, adotamos o conceito de público da pesquisadora Círcia Peruzzo, que o define como sendo “um segmento identificado pela proximidade de competências e de interesses entre seus componentes, que manifesta comportamento coletivo e consciência dos seus atos [...]” (PERUZZO, 2008).

<sup>10</sup> É o que almejam os projetos de mobilização social: que mais e mais pessoas se juntem à causa, ao projeto de transformação social; que mais e mais sujeitos formem um elo, um vínculo forte de corresponsabilidade com os objetivos do movimento.

<sup>11</sup> Trata-se da clássica divisão dos públicos em interno, externo e misto, que se baseia, em grande parte, nos critérios de proximidade física, no nível de relacionamento entre empresa e público e na existência de interesses em comum.

classificação dos públicos a partir dos vínculos<sup>12</sup>, a saber: Beneficiados, Legitimadores e Geradores. Segundo os autores, “o público beneficiado é entendido como sendo todas as pessoas e instituições que podem ser localizadas dentro do âmbito espacial que o projeto delimita para sua atuação” (BRAGA; HENRIQUES; MAFRA, 2007, p. 51). Já os legitimadores são considerados como aqueles que, estando no âmbito de atuação do projeto, não apenas se beneficiam com suas ações, mas também reconhecem-nas, e as julgam como sendo relevantes, podendo tornarem-se, a qualquer tempo, potenciais colaboradores. E os geradores são aqueles que, em nome do projeto, e de maneira efetiva (institucional ou não), organizam e realizam ações. Henriques, Braga e Mafra (2007) chamam a atenção ainda para um aspecto importante: na escala de vínculos, não há uma rígida separação entre os públicos e, “em princípio, é ideal que o trabalho de comunicação se oriente na direção de ampliar cada vez mais o número de legitimadores [...] e também que se amplie o bloco de geradores” (BRAGA; HENRIQUES; MAFRA, 2007, p. 52).

Aplicando essa classificação aos públicos do *Escravo, nem Pensar!*, é possível (e coerente) dizer que o público das formações e oficinas (educadores, líderes comunitários) e todas as pessoas que são atingidas pelos eventos realizados (festivais, concursos de poesia e dança), mais os alunos que estabelecem contato com o conteúdo do trabalho escravo por intermédio de seus professores (formados nas oficinas do ENP!) e os parceiros (em sua maior parte, secretarias estaduais e municipais de educação), todos esses estão inclusos no grupo dos beneficiados. Percebam que o vínculo que aí se estabelece (de maneira mais atenuante) é o espacial, pois o relacionamento com o projeto dá-se, basicamente, pelo fato desses indivíduos e/ou instituições estarem localizados no campo de ação do programa. Esses mesmos professores e líderes comunitários que foram formados pelo ENP! podem, a qualquer momento, tornarem-se legitimadores. Isso vai depender, em potencial, da comunicação, pois esses formandos precisarão de informações suficientes, de maneira a

---

<sup>12</sup>Partindo do princípio de classificação dos públicos a partir dos vínculos, os beneficiados estariam no nível da localização espacial, uma vez que estão no espaço de atuação do projeto e são beneficiados com suas ações; os legitimadores são também beneficiados, mas estão num nível maior de vinculação (mais próximo do ideal, que seria o nível da corresponsabilidade), o nível do julgamento, uma vez que já têm informações suficientes sobre o projeto para formar uma ideia positiva sobre o mesmo, reconhecendo a importância da sua atuação; os geradores já estão no nível da ação, isto é, já são corresponsáveis pelas ações do projeto, mas nem por isso deixam de ser beneficiados (pois estão no espaço de atuação do projeto) e já foram (necessariamente) e ainda são legitimadores, pois atuando diretamente no projeto, não deixam de reconhecer a relevância das ações do mesmo.

formar um julgamento positivo sobre o projeto. É interessante, ainda, atentar para o fato de que as formações e oficinas do Programa pretendem mais: pretendem formar **agentes** em direitos humanos, em especial, nas temáticas do trabalho escravo e assuntos correlatos (*grifo nosso*), ou seja, na escala de vinculação, o ideal para o ENP! é que esses educadores e líderes comunitários cheguem à ação, tornando-se geradores, que os mesmos organizem e realizem as ações do projeto, formando outros educadores em agentes de direitos humanos, incluindo a temática do trabalho escravo em sua sala de aula e, quem sabe, até mesmo, propondo a inclusão do mesmo como tema transversal no Projeto Político Pedagógico da escola ou elaborando junto aos discentes e/ou à comunidade os projetos comunitários para concorrerem aos editais do ENP!. Ainda no público de geradores, a nível institucional, está a equipe do programa, composta por dois coordenadores e uma educadora. O grande desafio, portanto, na dinâmica de suas estratégias de comunicação e educação, é tornar o público das formações, inicialmente, beneficiados, em legitimadores e/ou geradores. Na consecução desse objetivo, outro aspecto ganha evidente relevância: os fatores de identificação.

Segundo Braga, Silva e Mafra, “[...] fatores de identificação são quaisquer elementos que constituem o referencial simbólico da causa de um projeto de mobilização social, capazes de gerar sentimentos de reconhecimento, pertencimento e corresponsabilidade nos públicos do projeto” (BRAGA; SILVA; MAFRA, 2007, p. 82). Tais elementos tornam-se imprescindíveis à convocação de sujeitos para o compartilhamento das causas do movimento.

Os autores elencam tais fatores em três categorias distintas, a saber: fatores de publicização e coletivização, fatores litúrgicos e fatores de informação qualificada. Na primeira categoria, estão contemplados os elementos que, basicamente, compõem a identidade visual do movimento, que “sinalizam e organizam o projeto, em qualquer lugar onde se encontre, dando materialidade à causa e contribuindo em muito para a geração de uma imagem institucional perante seus integrantes e perante a sociedade em geral.” (BRAGA; SILVA; MAFRA, 2007, p. 87). Nessa categoria, estariam abrangidas as unidades visual e gráfica aplicadas às diversas peças (marcas, *slogans*); as bandeiras, os hinos. É importante perceber que os fatores de publicização pretendem, como o próprio nome já anuncia, publicizar o projeto, torná-lo visível, conhecido e reconhecido de maneira instantânea, isto é, que ele seja percebido tão somente, mesmo que as pessoas nem saibam de maneira mais

consistente e detalhada o que ele faz ou a que se propõe.

O ENP!, com mais de 10 anos de estrada, já tem uma identidade visual definida e inspirada nos princípios do programa. Essa identidade é amplamente divulgada no sítio ([www.escravonempensar.org.br](http://www.escravonempensar.org.br)), criado em 2011, e nos materiais produzidos (cartilhas, livros, almanaques, cadernos, fascículos – de distribuição gratuita)<sup>13</sup> e nas pastas e *banners* que são entregues aos participantes das formações.

Figura 1 – Página inicial do sítio do ENP!



Fonte: sítio do Programa ENP!

Como pode ser visto na figura acima, no canto superior esquerdo está a logomarca do programa. Essa logomarca e as cores da mesma (azul e laranja) estão presentes na maior parte dos produtos do programa, inclusive, são as mesmas cores padrão do leiaute da página na *internet*. A logo, como importante elemento de comunicação e de publicização do programa, cumpre o papel de tornar fácil a lembrança e a memorização por parte dos públicos e da sociedade em geral.

Os fatores litúrgicos dizem respeito às ações de comunicação que possibilitam a congregação dos indivíduos públicos do projeto, a comunhão de valores e a reconção de rituais próprios do movimento. “Ações coletivas, passeatas, congressos, reuniões periódicas, dentre outros que congregam e reúnem as pessoas para comunhão de algo maior, organizados a partir de ritualísticas, podem ser caracterizados como fatores litúrgicos.” (BRAGA; SILVA; MAFRA, 2007, p. 87). Mafra (2007) apud Peruzzo (2008) vai dizer, ainda, que

<sup>13</sup> Todo o material produzido é também disponibilizado em formato digital, sendo autorizada sua reprodução na íntegra, contanto que seja citada a fonte.

tais eventos promotores do encontro entre as pessoas (passeatas, congressos, festivais) reforçam os vínculos por meio do emocional e do lúdico, aproximando essas estratégias do campo mais específico das Relações Públicas.

[...] as relações públicas podem constituir estratégias aproximativas, no intuito de estabelecer momentos de cerimônia e/ou de divertimento, de forma a tentar transcender relações de contemplação, por meio do estímulo a um envolvimento mais livre, dos sujeitos, por convivialidade. A vinculação dessas ações com a cultura do contexto em que os públicos se inserem parece também ser fundamental, especialmente no aproveitamento de elementos já aglutinadores dos sujeitos em seus quadros de interação. Gincanas, festas populares, danças, momentos de encontro se caracterizariam, portanto, como possibilidades estratégicas de estabelecer vínculos de convivialidade entre os públicos, mobilizando atributos afetivos e sentimentais. (MAFRA, 2007 apud PERUZZO, 2008, p. 14)

O ENP! possui fatores litúrgicos já consolidados. Suas formações e oficinas, seus festivais, concursos de dança e poesia, tudo isso compõe os fatores litúrgicos do movimento. Todos esses são momentos de encontro entre seus públicos em potencial, que reunidos e em convivência, possibilitam maior comunhão dos valores, princípios e posturas do movimento.

Foto 1 – Formação ENP! realizada de 22 a 25 de setembro de 2015 em São Luís MA.



Fonte: foto tirada pela autora na formação do ENP! em São Luís

Foto 2 – Apresentação Cultural do Concurso Trabalho Escravo Hoje no Brasil, ocorrido em 2007, na cidade de Xinguara PA.



Fonte: sítio do Programa ENP!

Os fatores de informação qualificada, segundo Braga, Silva e Mafra (2007) e Henriques (2005) são quaisquer tipos de informação produzida pelo movimento, que possibilite a conveniente circulação dos conhecimentos entre os indivíduos públicos do projeto. A informação qualificada é, ainda, aquela que “informa e orienta de modo prático, que permite aos sujeitos saber o que fazer e como se posicionar dentro do movimento/projeto.” (HENRIQUES, 2005, p. 10). Não se trata de uma fala especializada, mas de informações que devem estar adequadas aos contextos da comunidade, de maneira a estimular e fomentar a prática criadora e a atitude emancipada/emancipativa diante do processo de transformação da realidade.

São informações de caráter mais pedagógico e técnico, que indicam como cada ator social pode atuar com base em seu cotidiano e seu campo de conhecimento. A mudança cultural existe porque a informação qualificada é capaz de estimular a presença curiosa do sujeito em face do mundo e sua ação transformadora sobre a realidade, uma vez que o sujeito apreende o conhecimento, reinventa-o e o aplica às suas situações existenciais concretas. (BRAGA; SILVA; MAFRA, 2007, p. 88).

Esse caráter pedagógico da comunicação é, ainda, aquele que foge à educação bancária e, em oposição, objetiva alicerçar suas bases numa concepção libertadora do educar/aprender: uma comunicação engajada com a comunidade/grupo onde está inserida, preocupada em produzir informações úteis à aprendizagem coletiva do movimento, de maneira a permitir a constante reelaboração dos conhecimentos. Nesse sentido, a informação qualificada pode ser aquela transmitida nos treinamentos, nos jornais, nas palestras, nos relatórios, nas cartilhas, nos fascículos, nos livros etc. (BRAGA; SILVA; MAFRA, 2007).

Sendo princípios basilares do ENP! a valorização do conhecimento prévio, a autonomia dos indivíduos envolvidos, a criatividade, a participação e o dialogismo, as informações qualificadas produzidas tratam-se, em grande parte, de relatos<sup>14</sup> de experiência de projetos desenvolvidos pelas escolas e/ou comunidades por onde o programa já realizou formações e/ou oficinas ou financiou alguma iniciativa envolvendo o tema do trabalho escravo. Não é pretensão do programa levar nada pronto para os grupos nos quais realiza suas ações, mas educar para a formação em direitos humanos com escopo na problemática do trabalho escravo moderno, fornecendo informações, dados, números, elementos caracterizadores desse crime, com sugestão de materiais didáticos que poderão facilitar o desenvolvimento do tema, e apresentar experiências e projetos que já estão dando certo. Ao final de cada formação, a proposta é que os participantes desenvolvam projetos, planos de ensino, ou que, de qualquer outra maneira, discutam a problemática do trabalho escravo com os discentes e com toda a comunidade. Ou seja, nada é dado pronto: são os formandos que, estimulados em grande parte pelo elemento de informação qualificada, deverão reinventar o conhecimento apreendido e aplicá-lo à sua realidade. A informação qualificada no ENP! é também veículo da auto emancipação; sua grande contribuição está na interlocução de saberes que confere aos envolvidos capacidades (produtivas, criadoras) para se assumirem como sujeitos de sua ação no processo de transformação social.

---

<sup>14</sup>Publicados em seus livros, cartilhas, vídeos etc.

Figura 2 – Publicações do ENP!

escravonem pensar.org.br/tpos-de-materia/publicacao/		
	<p><b>AS CONDIÇÕES DE TRABALHO NO SETOR SUCROALCOOLEIRO</b></p> <p>A história da cana-de-açúcar confunde-se com a do próprio Brasil. Atualmente, o setor sucroalcooleiro ainda é um dos mais relevantes e expressivos na economia brasileira, devido à exportação de açúcar e do bioetanol, ambos produtos da cana-de-açúcar. Contudo, é preciso ressaltar que nem sempre as condições dos trabalhadores dessa atividade são as melhores. Cortadores de cana... <a href="#">Leia mais &gt;</a></p>	2014 Fascículo
	<p><b>ESCRAVO, NEM PENSAR! 10 ANOS: MEMÓRIA E REGISTRO</b></p> <p>O livro comemorativo apresenta um panorama de ações e resultados alcançados pelo programa Escravo, nem pensar! nestes 10 anos de existência. As páginas, ricamente ilustradas com fotos e imagens, exibem também considerações de entidades parceiras, relatos de educadores e educadoras que participam da rede do programa e depoimentos de ex-integrantes e da equipe atual do... <a href="#">Leia mais &gt;</a></p>	2014 Livro Institucional
	<p><b>MEIA INFÂNCIA - O TRABALHO INFANTO-JUVENIL NO BRASIL HOJE</b></p> <p>O trabalho infantil é uma violação de direitos compromete o desenvolvimento integral de milhões de meninos e meninas no Brasil. Desde a década de 1990 até hoje, o país reduziu significativamente o problema, avançou em legislação e políticas públicas, e conseguiu uma forte mobilização da sociedade civil contra a entrada precoce de crianças e adolescentes... <a href="#">Leia mais &gt;</a></p>	2014 Caderno temático

Fonte: sítio do Programa ENP!

Figura 3 – Produções de áudio e vídeo do ENP!

escravonem pensar.org.br/tpos-de-materia/audios-e-vidios/		
	<p>Organização Internacional do Trabalho, cerca de 2,5 milhões de pessoas são vítimas desse violação de direitos. Diversas são as suas finalidades, como a adoção ilegal, comércio de órgãos, exploração sexual, superexploração do trabalho rural, urbano e doméstico e escravidão... <a href="#">Leia mais &gt;</a></p>	
	<p><b>MEIA INFÂNCIA: O TRABALHO INFANTIL NO BRASIL HOJE</b></p> <p>Ano de publicação: 2015 O trabalho infantil é uma violação dos direitos de crianças e adolescentes, que compromete o desenvolvimento integral de meninos e meninas no mundo toda. No Brasil, existem cerca de 3,5 milhões de crianças e adolescentes que trabalham, segundo o Censo do 2010. O vídeo "Meia infância: O trabalho infantil no Brasil... <a href="#">Leia mais &gt;</a></p>	Expt na tela
	<p><b>PROGRAMA VOZES DA LIBERDADE</b></p> <p>Boletim de rádio semanal com notícias sobre escravidão contemporânea e direitos trabalhistas produzido desde 2006 pela ONG Repórter Brasil. Os programas podem ser baixados e veiculados nas rádios locais.</p>	Programa de rádio
	<p><b>RADIONOVELA "ESCRAVO, NEM PENSAR!"</b></p> <p>A rádio-novela Escravo, nem pensar! faz parte do projeto "Vozes da Liberdade" e tem como objetivo informar os trabalhadores rurais para que eles não caiam na tala da escravidão.</p>	Programa de rádio

Fonte: sítio do Programa ENP!

## 4 CONSIDERAÇÕES

Faz-se flagrante a relevância de uma comunicação que pense e organize os fatores de identificação em projetos de mobilização social, de maneira a promover o reconhecimento, por conseguinte, o julgamento, e numa situação ainda mais ideal, a corresponsabilidade por parte dos públicos.

As relações públicas afastando-se de suas bases primeiras – do positivismo e do funcionalismo – antes alinhadas aos interesses e manutenção do *status quo*<sup>15</sup>, passam a compreender sua importância no serviço aos interesses populares e comunitários. Dessa maneira, enquanto área da comunicação e com escopo na gestão dos relacionamentos, sintetiza os sentidos de suas estratégias, táticas e instrumentos para melhorar a participação: fomentando o dialogismo, apostando na micro comunicação<sup>16</sup> (ou comunicação dirigida) e alicerçando suas bases numa postura político-educativa que respeita o conhecimento prévio e privilegia o indivíduo, grupo ou comunidade como sujeito ativo no processo de mudança da realidade; é essa promoção do sujeito ativo e emancipado que traduz o nível de corresponsabilidade.

## REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. Paraísos Comunes: identidad y sentido en la sociedad em red. In: \_\_\_\_\_. **La era de la información: economía, sociedad e cultura**, vol. 2, Mexico: Alianza Editorial, 1998. Cap. 1, p. 27-90.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: \_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Cap. 1, p. 07-22.

\_\_\_\_\_. Nascimento e morte do sujeito moderno. In: \_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Cap. 2, p. 23-46.

\_\_\_\_\_. Globalização. In: \_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Cap. 4, p. 67-76.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

<sup>15</sup> Essa mudança começa a ser debatida nos anos 80. (Ver KUNSCH, 2007).

<sup>16</sup> A comunicação em seu nível micro é mais direta e pessoal, não se constrói sob códigos genéricos, mas singulares, com vistas a adequações, dependendo da situação, dos interlocutores e de suas reações.

HENRIQUES, Márcio Simeone; PINHO NETO, Júlio A.S. **Comunicação e movimentos de mobilização social: estratégias de atuação das organizações do terceiro setor na área da comunicação**, 2001. Trabalho apresentado no XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, Campo Grande, 2001.

Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/149638061228392105244056327538046682914.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

HENRIQUES, Márcio Simeone (Org.). **Comunicação e Estratégias de Mobilização Social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

\_\_\_\_\_. **Comunicação, comunidades e os desafios da mobilização social**, 2005. Trabalho apresentado no XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <[http://www.unifra.br/professores/rosana/marcio\\_henriques.pdf](http://www.unifra.br/professores/rosana/marcio_henriques.pdf)>. Acesso em: 29 nov. 2015.

KUNSCH, Margarida M. Krohling; KUNSCH, Waldemar Luiz (Org.). **Relações Públicas Comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora**. São Paulo: Summus, 2007.

MOURA, Flávia de Almeida. **Representações do trabalho escravo a partir da mídia: olhares de trabalhadores rurais maranhenses**. Porto Alegre: PUC Rio Grande do Sul, 2015. 245f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Relações públicas nos movimentos sociais e nas “comunidades”:** princípios, estratégias e atividades, 2008. Trabalho apresentado no II Congresso Brasileiro de Comunicação Organizacional (II Abrapcorp), Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <[http://www.abrapcorp.org.br/anais2008/gt5\\_krohling.pdf](http://www.abrapcorp.org.br/anais2008/gt5_krohling.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2017.

REPÓRTER BRASIL. **Caderno Metodologia Escravo, nem Pensar!**. Disponível em: <[www.escravonempensar.org.br/.../uploads/2013/03/1.-metodologia.pdf](http://www.escravonempensar.org.br/.../uploads/2013/03/1.-metodologia.pdf)>. Acesso em: 22 nov. 2015.

TORO, José Bernardo; WERNECK, Nísia Maria Duarte. **Mobilização Social: um modo de construir a democracia e a participação**. UNICEF – Brasil, 1996. Disponível em: <[http://www.plataformademocratica.org/Publicacoes/Publicacao\\_7104\\_em\\_23\\_05\\_2009\\_18\\_09\\_14.pdf](http://www.plataformademocratica.org/Publicacoes/Publicacao_7104_em_23_05_2009_18_09_14.pdf)>. Acesso em: 11 nov. 2015.

**Sítios consultados:**

[escravonempensar.org.br](http://escravonempensar.org.br)

[reporterbrasil.org.br](http://reporterbrasil.org.br)

**Identities and identification factors in social mobilization projects: the case of the “slavery, no way!” Program**

**ABSTRACT**

The present paper addresses the discussions of Márcio Simeone Henriques (2007) about identification factors in mobilization projects as a communication strategy. From a brief explanation about identities, elements characterizing social mobilization are pointed out and, in a second part, the identification factors are analyzed and classified, from the bonds, the public of the “Slavery, no Way!” Program – a hybrid of education and communication, which works in the prevention of contemporary slave labor, providing workshops and training on the subject of slave labor and related issues, for teachers and community leaders.

**Keywords:** Identities. Identification Factors. Social Mobilization. Contemporary Slaver Labor. “Slavery, no Way!” Program.

## Identities and factors of identification in social mobilization projects: the case of the ¡Esclavo, ni pensar! program

### RESUMEN

El presente trabajo aborda las discusiones de Márcio Simeone Henriques (2007) sobre los factores de identificación en proyectos de movilización, como estrategia de comunicación. A partir de una breve explicación sobre identidades, se apuntan elementos caracterizadores de la movilización social y, en una segunda parte, se analizan los factores de identificación y clasificados, a partir de los vínculos, los públicos del Programa ¡Esclavo, ni Pensar! – un híbrido de educación y comunicación, que trabaja en la prevención del trabajo esclavo contemporáneo, impartiendo talleres y formaciones con la temática del trabajo esclavo y asuntos relacionados, para profesores y líderes comunitarios.

**Palabras clave:** Identities. Factores de Identificación. Movilización Social. Trabajo Esclavo Contemporáneo. Programa ¡Esclavo, ni Pensar!.

Recebido em: 01/06/2018

Aceito em: 25/07/2018